

O encontro com mariam pessah: apontamentos sobre trajetória, noção de pessoa, ethos e lesbianidade.¹

Viviana Thais Vargas Zorzi (UFSM, Brasil)

Palavras-Chaves: Ethos; Noção de Pessoa; Lesbianidade.

Trato aqui de um relato sobre o meu Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais chamado “Amor, Placer, Rabia y Revolución: Apontamentos sobre a noção de pessoa em mariam pessah” orientado pela Dr.^a Jurema Gorski Brites. O trabalho de forma ampla procurou por meio da narrativa de vida de mariam pessah e seus entendimentos sobre a expressão da vivência *lésbica* realizar alguns apontamentos sobre a noção de pessoa mobilizada por mariam utilizando como referência Marcel Mauss (2003), Louis Dumont (1966) e Clifford Geertz (1989). mariam pessah é uma escritora, fotógrafa, *artista e lésbica* que tem como característica a constante mudança e entendimento sobre si. Conforme a pesquisa apontou, a mesma mudou seu nome de Mariana para marian e atualmente, mariam. A mesma em sua trajetória e escritas, aborda elementos pertinentes que dialogam com repertórios de símbolos significantes (1989) mobilizados de forma ampla, por grupos lésbicos no Brasil e outros países.

Neste relato, de forma específica, procuro apresentar o resultado da triangulação destes dados - crônicas, poemas, diário de campo, entrevista narrativa - a fim de localizá-la histórica e socialmente, e elaborar uma narrativa biográfica da mesma, que apresenta a minha presença enquanto pesquisadora numa perspectiva de produzir saberes localizados, tal qual escreve Donna Haraway, (2009). Em diálogo com essa perspectiva, neste trabalho escrevo ao menos a primeira citação de autores/as em extenso com objetivo de não ocultar as *identidades de gêneros* das pessoas que escrevem. O Vocabulário Êmico que se refere às palavras utilizadas pelo próprio grupo estudado e que tem significados próprios, inteligíveis para quem está dentro dele, mas desconhecidos para quem está de fora, estará no corpo do texto em itálico.

A pesquisa e escrita utiliza da etnografia como um gênero literário que entrelaça teoria, método, epistemologia e ética na construção do diálogo entre dados e discussão teórica (Claudia Maria Coelho, 2016). Por outro lado, constituiu-se também como uma Etnografia Multilocal na perspectiva de (George Marcus, 2001) por ter ocorrido inicialmente em ambientes online, lançando mão da etnografia digital. No corpo do texto, haverá Hiperlinks direcionando as plataformas citadas. Por fim, realizo um paralelo entre ambientes digitais e cidades, pois os ambientes construídos da Web, tam-

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (2024).

bém engendram outros modos particulares de vida (Débora Leitão e Maria Laura Gomes, 2017).

Apresento inicialmente a entrada em campo, o contato com a interlocutora e os objetos apresentados no percurso inicial da pesquisa para assim seguir os caminhos de compreensão por eles apresentados e suas respectivas categorias nativas. Mas, o que são esses caminhos de compreensão? Os caminhos de compreensão consistem nos espaços dos ambientes digitais que armazenam diversos tipos de produções na Web: Sites como Blogger, SoundCloud, Entrevistas, Revistas Online, Redes Sociais, etc. Na pesquisa, dei atenção às informações e objetos apresentados durante estes percursos online para compreender quais eram as respectivas categorias nativas mobilizadas. Posteriormente, apresento uma narrativa da história de vida da mariam pessah. Essa narrativa foi elaborada em contato com a autora via Entrevista Narrativa, assim como a partir da triangulação entre dados obtidos durante a pesquisa como crônicas, poemas, diário de campo e entrevista narrativa. Para finalizar, trago considerações sobre a noção de pessoa mobilizada pela autora em sua escrita e disponibilizo um Glossário onde é possível visitar o significado de palavras específicas que pertencem ao Vocabulário Êmico.

Entrada em Campo - O Sarau das Minas

Era o ano de 2020 e estávamos no auge da pandemia onde as atividades que costumavam ser presenciais foram adaptadas para os ambientes online. Nesse contexto social, lembro de perambular pelo ambiente virtual do Facebook de forma despreocupada e ver, diversas vezes, a divulgação do “Sarau das Minas”. Acessei ao evento do Sarau e conferi que acontecia pela plataforma do Zoom em determinados sábados do mês e a cada encontro propunha a leitura de escritas de autoria de mulheres. Ao entrar no ambiente digital da plataforma do Zoom, fui recepcionada e acolhida pela mediadora chamada mariam pessah que indagou, com um tom de curiosidade que passou-me tranquilidade sobre como conheci o Sarau. Expliquei que havia encontrado o evento pelo Facebook.

O primeiro Sarau que frequentei estava composto por mulheres de diversas gerações, mães, universitárias e professoras e antes de iniciar a dinâmica de leitura, houve um circuito de apresentações. O primeiro Sarau que frequentei estava composto por mulheres de diversas gerações: mães, universitárias e professoras. Antes de iniciar as dinâmicas de leitura, houve um circuito de apresentações. Havia mulheres *Cis* e *Trans*. Aqui entendendo a *cisgeneridade* como a correspondência entre *gênero* dado no

nascimento baseado no sexo biológico atrelada na classificação binária homens/mulheres e a *transgeneridade* como a não correspondência entre *gênero* e sexo biológico. Passei duas horas escutando poemas e contos, os quais eram lidos por cada uma, seguidos de uma pausa para discussão, às vezes acalorada e polêmica, sobre os elementos presentes em cada narrativa.

Após participar do primeiro Sarau, abordado acima, minhas participações tornaram-se mais frequentes. Conhecia a cada edição, a escrita de diversas autoras e poetas, muitas delas vivas, publicando na atualidade. Uma delas era a própria mediadora do Sarau, mariam pessah, a qual teve seus poemas interpretados pelas participantes. Um dos livros citados foi “Amor, Placer, Rabia y Revolución”, no qual todas as escritas estavam em espanhol. Após a participação de um Sarau, guiada pela curiosidade me direcionei à plataforma do Google e no percurso curioso que realizava pelo meu olhar, munida de uma sensibilidade etnográfica transeunte pude facilmente perceber que não havia formas de comprar o livro de forma virtual ou em lojas convencionais e livrarias. A procura estimulava em mim o exercício da imaginação antropológica tal qual descreve Vitor Simonis Richter ao contar sobre um momento no qual a Prof. Claudia Fonseca o convidou a abrir uma caixa que havia ganhado de presente de um interlocutor (Vitor Simonis Richter, 2017). Richter conta que ao dialogar com a Professora sobre a caixa, compreendeu alguns dos princípios teórico-metodológicos que compõem o fazer etnográfico, entre eles, a valorização daquilo que se apresenta através dos interlocutores, da atenção aos objetos e espaços que encontramos e circulamos. O autor escreve: “O que havia na caixa? Ela não sabia. Mas ela estava me dizendo, me ensinando, que poderíamos inventar muitas coisas a serem pensadas antes mesmo de a abriremos.” (RICHTER, V.S., 2017. Pg. 397). De maneira similar, o ato da pesquisa do livro gerava em mim diversos questionamentos: seria uma publicação antiga? Havia sido publicada em outro país? As edições foram esgotadas? Estaria fora dos circuitos de vendas convencionais? A compreensão de que as lógicas culturais são produzidas de formas múltiplas e constituídas também em ambientes online, me fez seguir os espaços e conexões as quais se apresentavam em meu percurso a partir do desenho da etnografia multilocal (MARCUS, pg. 112, 2001). Dessa forma, encontrei um link que saciaria temporariamente meu anseio: a publicação de uma gravação no site do SoundCloud que consiste em uma plataforma de hospedagem de músicas e áudios. Ali, havia um perfil intitulado “Traficantes de Sueños”. Ao acessar o ambiente construído do SoundCloud mergulhei na experiência da escuta de uma captação sonora que me teletransportou para

um momento passado intrinsecamente associado à ideia de vida (LEITÃO e GOMES, 2017) possibilitado pela tecnologia da gravação e armazenamento online. A gravação era de 11 anos atrás e o perfil acima citado, referia-se a uma livraria situada em Madrid, na Espanha. O título do arquivo era [“Presentación del libro: “amor, placer, rabia y revolución.”](#). Tratava-se de um momento onde o livro foi apresentado pela autora para um grupo de pessoas e fora inteiramente gravado em áudio. Permaneci com a escuta ativa, pois compreendi que se tratava do lançamento do livro que eu procurava, com leituras de poemas e crônicas, assim como momentos de diálogos. Em diálogo com a imaginação antropológica e seus ensinamentos: a atenção aos objetos e espaços que encontramos e circulamos, percebi haver aberto a caixa que procurava. E nela, havia informações sobre uma pessoa: mariam pessah. “Não poderia haver uma caixa muito mais interessante do que essa!” (RICHTER, V.S., 2017. Pg. 397). Pude compreender que se tratava da voz de uma pessoa que se dedicava à literatura - utilização da linguagem escrita de forma artística - e ao ativismo - prática política de transformação da realidade - , além de partir de uma perspectiva lésbica feminista. Com minhas participações regulares no Sarau das Minas, mariam havia se tornado uma conhecida virtual e eu decidi chamá-la para comprar o tão desejado livro, diretamente com ela.

O Livro Amor, Placer, Rabia y Revolución

O livro chegou em minha casa pelos correios. Escrito em espanhol, com toda a capa na cor verde água. Na capa, possui a imagem de um quadro pendurado, onde há duas mulheres brancas. As duas estão nuas e de olhos fechados, a segunda está com o rosto encostado no pescoço e ombro da primeira em um momento de mútuo conforto e afeto, a cena transpassa amorosidade e naturalidade entre dois corpos femininos. A contracapa, também tem uma imagem: um registro fotográfico de mariam pessah e de uma gata. Tanto mariam como a gata, que está com o rosto colado ao seu, possuem um semi bigode. Seguida de uma descrição, abaixo: “autorretrato con a gata cristie - somos lesbianas feministas queer”. Ao escrever “a gata cristie” a autora brinca com a sonoridade do nome da escritora britânica Agatha Christie, pois sua gata se chama, a gata “cristie”. Por sua vez, *“lesbianas feministas queer”* são as identificações em termos políticos, as quais também, são atribuídas a gata cristie, onde se fundem as duas - humana e não humana - pois mariam também pinta em seu rosto uma mancha preta, tal qual o bigode dada gata. *Lesbiana*, palavra que designa *lésbica* em espanhol, trata-se da comum definição atribuída a mulheres que se relacionam com outras mulheres sexual

ou afetivamente; feminista, faz alusão a uma corrente teórica e movimento político de libertação das mulheres das estruturas de dominação masculina; *queer* é um termo que abrange vivências onde sexualidade e gênero ultrapassam as categorias *cis* ou *trans*, *héterossexual*, *bissexual* ou *homossexual*. Ao abrir o livro, que tem as folhas num tom amarelado, percebo com alegria a dedicatória da própria autora, endereçada para mim: “Para Vivi/ por mais escritas lésbicas / mais leitoras lésbicas/ mais rebeldias lésbicas / beijos/ mariam / 09/09/2020”. Ao manusear o livro, refleti que se a primeira gravação citada acima, disponível no SoundCloud, foi a primeira caixa que encontrei, o contato com o livro, pode-se dizer que foi a segunda. O livro em sua capa, esboça a assinatura da autora como “marian pessah” diferente da assinatura que encontrei no Sarau, como “mariam” com “m” no final. Perguntava-me se haveria alguma explicação para essa singela mudança de letra. Internamente, o conteúdo do livro, entre crônicas e poesias, possui debates sobre feminismo, lesbianidade, heteronormatividade, *feminilidade* compulsória e afetos lésbicos. Observei que sua escrita literária tinha um propósito, localizado social e politicamente: “Através de poemas, crônicas e outros escritos, procuro convidar as leitoras a uma viagem pelo amor, o prazer e a raiva com a ideia de que tudo junto, conflui na preciosa revolução.” (marian pessah, 2012. Pg. 7). Após a leitura do livro, decidi realizar uma pesquisa sobre a autora. Decidi enviar uma mensagem e perguntar se gostaria de dialogar comigo via e-mail. Assim o fizemos e a partir do diálogo que tivemos, pude traçar uma escrita sobre sua trajetória de vida, triangulando outros dados disponíveis na Web.

Mariana Pessah, marian Pessah, mariam pessah - A Trajetória

mariam pessah possui como nome de batismo “Mariana Pessah” e com o passar do tempo mudou o nome para “marian pessah” e “mariam pessah”. A autora foi durante anos fotógrafa profissional e fotojornalista com especialização em movimentos sociais. Atualmente é possível visitar [sua conta no Flickr](#) e percorrer álbuns com fotografias de sua autoria. São registros diversos: manifestações dos movimentos de mulheres em praças públicas, fotografias de Buenos Aires e outros países, eventos nos quais participou, registros do Movimento Sem Terra - MST -, entre outros.

No ano de 1993 mariam se assume *lésbica* - em sua perspectiva a lesbianidade é uma categoria política e não uma circunstância amorosa - e inicia seu ativismo lésbico-feminista. Participa da Frente de Lesbianas de Buenos Aires e outros espaços

sem nome, onde realizavam grupos de autoconsciência lesbofeminista. Em 2001 viaja a Porto Alegre para o 1º Fórum Social Mundial e desde então vive na mesma cidade. Nessa mesma época, integrou-se ao coletivo NUANCES - grupo pela livre expressão sexual - onde foi uma das primeiras vozes a tratar sobre a visibilidade *lésbica*, constando em ações concretas junto ao Coletivo e também como autora em [edições do Jornal do Nuances](#).

No 3º Fórum Social Mundial - FSM -, em janeiro de 2003 em Porto Alegre, organizou juntamente com outras companheiras uma Oficina de Visibilidade Lésbica que aconteceu no Planeta Arco Íris na Usina do Gasômetro. Essa atividade elaborou uma roda de conversa e uma oficina que deu origem a atual Liga Brasileira de Lésbicas (LBL) e sua bandeira, a LBL é conhecida como a primeira rede feminista de lésbicas, sendo mariam uma das primeiras fundadoras. Conforme a mesma me informou, foi expulsa dos dois coletivos - o NUANCES e a LBL - : a razão seriam mentiras que foram comprovadas associadas a pedaladas fiscais e pessoas que tinham o interesse de ocupar espaços de poder.

Após o afastamento dos coletivos acima citados, mariam funda o o Grupo Lésbico-Feminista Radical Mulheres Rebeldes, que durante sua atuação, fez parte de uma Rede de Movimentos Autônomos na cidade de Porto Alegre/RS (Anelise Fróes, 2010). Esse grupo liderado por mariam mantinha [uma página no Blogger](#) onde organizavam reuniões de estudos, debates, manifestações, Saraus e também o Encontro Feminista Autônomo que reunia mulheres de diferentes esferas: camponesas, anarquistas, urbanas, feministas universitárias, entre outras, para discutir suas demandas coletivamente. Além de administrar a *bloga* do Mulheres Rebeldes, mariam mantinha uma *bloga* pessoal chamada [Radical desde La Raiz](#).

Em setembro de 2005 é lançado em Porto Alegre o primeiro livro de mariam, um romance que deu abertura a escrita chamado “Malena y el Mar” que possui também uma edição em Italiano, com tradução da escritora Francesca Gargallo e assinatura ainda como “Mariana Pessah”. Do ano 2006 a 2007 juntamente a sua companheira afetiva naquele momento Clarisse Castilhos mantiveram uma *Bloga*¹ chamada “Em Rebeldía”, essa *Bloga* mantinha contato com companheiras da América Latina e Caribe, além de publicar informativos sobre o que acontecia no Brasil e Argentina e textos com editoriais de forma semanal e quinzenal, onde outras pessoas interagiam comentando e

¹ Palavra que faz parte do vocabulário êmico utilizado pela *Grupa*. Ao invés de escrever “Blog” escreviam “*Bloga*”- com A como um posicionamento político feminista.

enviando textos para publicação na *Bloga*. A autora explica que naquele momento as interações nas redes sociais eram diferentes das atuais. A *Bloga* por alguma razão que as autoras desconhecem, foi banida da rede, não permitindo mais nenhum acesso ou criação com nome semelhante. Após o fim da página, decidiram publicar os textos que estavam na *Bloga*, em um livro físico. O livro, que é bilíngue - em espanhol e português - ou em “argentino” e “brasileiro” como escrevem as editoras no Prólogo, se chama “Em Rebeldía: da Bloga ao Livro” e em espanhol, “En Rebeldia - De La Bloga al libro” publicado em março de 2009. Na publicação deste livro, a autora assina com a mudança de nome de “Mariana” para “marian pessah”.

Por sua vez, no ano de 2012 é publicado também pela “Colección Libertaria” o livro “amor, placer, rabia y revolución”. Neste livro, encontrei uma crônica intitulada “El lugar de la ‘a’”. A crônica desenvolve uma auto reflexão de mariam sobre a imposição da *feminilidade* em seu corpo utilizando como exemplo a obrigação da depilação - remoção dos pelos de seu corpo - como uma prática natural associada ao ser mulher. Ao abordar o abandono de práticas impostas, a mesma reflete “Nunca entendi por que tenho que aceitar o regime do sistema em meu corpo.” (pessah, 2012. Pg. 29) e localiza a razão da existência desse regime, nomeando-o como uma ditadura heteropatriarcal - entendida como um sistema social baseado na diferença sexual para perpetuação de desigualdades sociais, opressão e dominação da mulher pelo homem. A reação de mariam a imposição do sistema em seu corpo, se revela em sua decisão de desvencilhar-se do *gênero* designado em seu nascimento, marcado pela letra “a”, no feminino. Outra crônica presente no livro acima citado se chama “¿Qué es ser lesbiana?”, nesta crônica a autora rejeita a definição de que ser *lésbica* é ser uma mulher que se relaciona amorosa ou sexualmente com outras mulheres. Para mariam, a lesbianidade é uma categoria política e não uma circunstância amorosa. Seu principal argumento vem em forma de pergunta: “¿Y si no soy amada, vuelvo a la norma heterosexual?”² (pessah, 2012. Pg. 52). Por outro lado, para mariam, ser *lésbica* e assumir a categoria política carrega junto consigo outros atributos: ser anormal, pertencer a uma dissidência sexual e ser portadora de estigmas. Esses estigmas seriam frutos do desvio das normas vigentes sociais, entre elas a *heterossexualidade compulsória*.

Os três livros citados - *Malena y el Mar*, *Em Rebeldía: da Bloga ao Livro* e *amor, placer, rabia y revolución* - foram autopublicados pela editora independente, feminista e autônoma chamada “Colección Libertaria” que era uma iniciativa da própria

² Tradução Livre: “E se não sou amada, volto para a norma heterossexual?”

autora e de sua companheira Clarisse Castilhos. Dessa forma, compreendi o porquê dos livros não estarem disponíveis nas redes convencionais de circulação de livros, como as livrarias: esses livros não possuíam ISBN, ou código de barras e eram os livros que a autora vendia nos encontros feministas, feitos de forma autônoma. Como alguns autores apontam (Janice Caiafa, 1985), (Micael Herschmann, 2005), há movimentos artísticos - como o funk, hip-hop e punk - que se desenvolvem às margens ou nos interstícios da indústria cultural, pertencendo e criando circuitos alternativos de produção/consumo. Esses circuitos geram e produzem materiais, músicas, livros, gravuras, entre outros, que não se situam nas redes convencionais de compra e venda. Por outro lado, conforme Ismênia de Oliveira Holanda (2016) as escritoras lésbicas “(...) são um grupo minoritário no campo literário, entretanto, assim como outros grupos, elas produzem seus próprios sentidos, suas literaturas.” (Pg. 113).

O ano de 2012 é o marco da sua retirada do ativismo. Neste ano, aconteceu o Encontro Feminista Autonomo Latinoamericano e Caribeño - EFALAC - na cidade de Porto Alegre. Esses encontros eram autônomos e autofinanciados, ocorrendo edições no México, Costa Rica, Peru, entre outros países. Essa rede tinha por objetivo reunir militantes feministas latino-americanas e caribenhas para promover a troca de experiências referente às práticas desenvolvidas pelo feminismo enquanto movimento social, além de pensar estratégias para o futuro. No ano de 2012 mariam esteve envolvida na organização do EFALAC. Na Web encontrei [uma página na plataforma WordPress](#) contendo imagens do encontro, nelas, pude reconhecer a presença de Ochy Curiel, teórica feminista e antropóloga afro-dominicana e Yuderkys Espinosa Miñoso, filósofa, escritora e pesquisadora feminista da República Dominicana. Nas fotografias, haviam outras mulheres envolvidas em atividades e rodas de conversa, que não pude reconhecer quem são, e também, a presença de mariam. Além das fotos, há um texto de mariam, - na época, como marian - na qual descreve todo o encontro e suas diversas decepções. Em nosso diálogo³, a mesma diz que ficou chateada, pois havia trabalhado muito para o encontro, que havia reunido mais de 100 mulheres, porém suas expectativas eram outras. Após o EFALAC no mesmo ano, mariam viaja para a Espanha e lá faz o lançamento de seu livro “amor, placer, rabia y revolución” em

³ Há um texto onde mariam explica suas decepções com o EFALAC chamado "EFAlac : de pasiones y (des)encuentros". Abordá-lo ultrapassa os objetivos deste artigo. É possível visitá-lo nesse link: <https://efalac.wordpress.com/>

diversas cidades, sendo um desses lançamentos o áudio que citei no início do trabalho na plataforma Soundcloud.

Ao retornar ao Brasil, decidi ingressar na Universidade, no curso de Letras na UFRGS com a intenção de se aperfeiçoar para traduzir escritoras feministas e *lésbikas* de Abya Yala - denominação histórica do continente americano na língua Kuna que significa “Terra madura” ou “Terra Viva” -, nesse momento, muito cansada com o ativismo. A tradução era um trabalho que já realizava de forma autônoma nas *Blogas* que manteve. Por sua vez, do ano de 2016 a 2018 realizou formação em Escrita Criativa pela PUC-RS com orientação de Regina Kohlrausch e o trabalho intitulado “Mulheres e a hora da criação”. No ano de 2019 mariam lança um livro de poemas bilíngue chamado *Grito de Mar*, pela editora Taverna, onde sua assinatura corresponde àquela utilizada atualmente “mariam pessah”, nesse livro, há um poema chamado “tenho uma língua e s t r a g e i r a” onde a mesma escreve que decide que sua língua não é mais estrangeira, e sim, passageira e que ao modificar o “m” pelo “n” a mesma carrega o mar no nome, e no sobrenome “passagem” desvinculando-se dessa forma, de nações e fronteiras. Data do ano de 2021 uma apresentação onde a mesma se denomina como “fotógrafa desativada” na sua conta do WordPress explica⁴: “Sou fotógrafa, embora atualmente não me dedique à profissão, ficaram muitas imagens na minha vida.” e com relação às mudanças de nome, na mesma apresentação, escreve: “Não quero nenhum símbolo feminino marcando meu caminho. Tampouco um masculino.” Por sua vez, a mudança do “n” para o “m”, na mesma apresentação, explica a partir de duas razões: “1 – IAM, na língua hebraica significa MAR, então, como diria a poeta Cecília Meireles, eu seria um mar absoluto. 2- fica mais brasileiro”.

mariam pessah - A Pessoa

As práticas e discursos de como mariam constrói seu ser, constrói seu nome e as denúncias das imposições do sistema em seu corpo - *heterossexualidade compulsória, feminilidade* - e a recusa de forma autônoma por liberdade de escolhas, permitem nos aproximar do debate de Dumont sobre a noção de “eu” como categoria construída socialmente, inserida em um contexto onde a construção individual da identidade é um reflexo da constituição do indivíduo moderno ocidental dotado de valores, escolhas e direitos (Dumont, 1966). Dessa forma, a noção de pessoa aqui elaborada, encontra

⁴ Conta do WordPress de mariam pessah: <https://mariampessah.wordpress.com/>

respaldo nas proposições do movimento lésbico, e o mesmo aponta para a exploração de uma subjetividade que envolve experiências em contraposição às regulações normativas de *gênero* e sexualidade: em específico, a desvinculação da categoria mulher, desnaturalizando o *gênero* feminino como atributo qualificador de sua existência. Por sua vez, ser *lésbica* na perspectiva de marian pessah é uma forma de existir liberta das relações de dominação, entre elas a *heterossexualidade compulsória* - instituição política, onde a *heterossexualidade* é a única orientação sexual aceitável, (Adrienne Rich, 2012). Assim, a autora constrói sua pessoa a partir desses entendimentos, retirando o “a” de seu nome, ficando dessa forma, sem *gênero* designado.

Pensar a trajetória de marian, seus escritos e militâncias no movimento lésbico tem importância política inegáveis. Por outro lado, me interessa aqui pensar a constituição da pessoa assim como o modo como um indivíduo moderno constrói e justifica sua ação a partir da valorização da experiência de seu próprio ser único e específico cuja ação no mundo é a mola da vida social. Com Mauss (2003) temos a descrição da pessoa, associada a condições diversas de tempo, espaço e formas de organização, ação e pensamento. Na reflexão inaugural “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção de eu” o autor analisa a noção de eu em várias sociedades e aponta que não se trata de uma categoria natural, inata, mas de uma construção social e histórica. Aborda exemplos como dos índios Pueblo ou Pueblos de Zuñi, onde a noção de pessoa individual é confundida com a do Clã destacada pela sua máscara e título. Navega até a construção da pessoa desenvolvida em Roma onde a compreensão da pessoa se individualiza, tornando-se um fato fundamental do direito. Dessa forma, fundava-se o caráter pessoal do direito e a *persona* - com exclusão do escravo - que tornava-se o correlato da verdadeira natureza do indivíduo. Por sua vez, é adicionado ao sentido jurídico, o sentido moral. Aqui o ser adquire alguns atributos: ele é consciente, independente, autônomo, livre e responsável. Esse sentido será comum entre os gregos. No sentido moral, os cristãos a transmutaram em uma entidade fixa, onde a unidade da pessoa se relaciona diretamente a unidade com relação a Deus. Porém, a noção de pessoa sofre outra mudança: apoiado no cristianismo e na herança Kantiana, a categoria do “Eu” se soma à ideia de que a existência se trata e se baseia em uma consciência individual.

As colocações feitas acima são fundamentais para compreender a noção de pessoa alinhada à noção de indivíduo aportada na obra de Louis Dumont. O aluno de Marcel Mauss lança mão do método comparativo para mostrar como a noção de

indivíduo - entidade empírica que pensa, fala, que deseja - é uma característica humana em todas as sociedades mas que a mesma não é idêntica ao valor dado ao indivíduo ocidental moderno. Não basta ser uma pessoa que faz parte de um grupo ou sociedade, na sociedade ocidental moderna o indivíduo é uma entidade autônoma, independente e autocontida que possui seus próprios interesses, direitos e valores. A ênfase na igualdade como valor moderno e liberdade individual são fundamentais e o individualismo é um valor fundamental das sociedades.

Compreender a partir do marco da noção de indivíduo na sociedade ocidental qual é a construção de pessoa elaborada por mariam pessah, ilustra como no contexto história da sua existência, ser um indivíduo é ao mesmo tempo reconhecer as “imposições” sociais sobre os corpos, a sexualidade, a identidade das pessoas, e por outro lado, suas expressões em torno do *artivismo* - ações que se valem da arte para reivindicações políticas e sociais - e da escrita são formas e possibilidades não só de fuga deste mundo binário e heterossexualizado, mas de criação de outros referenciais possíveis de existência. A noção de pessoa como categoria analítica torna-se uma ferramenta viável, posto que:

Por mais que, para nós ocidentais, a concepção da pessoa como um universo cognitivo e motivacional delimitado, único, e mais ou menos integrado, um centro dinâmico de percepção, emoção, juízos e ações, organizado em uma unidade distinta e localizado em uma situação de contraste com relação a outras unidades semelhantes, e com seu ambiente social e natural específico, nos pareça correta, no contexto geral das culturas do mundo ela é uma ideia bastante peculiar. (GEERTZ, 2012. Pg. 90-91)

Destaco a importância de apontar que o discurso de mariam parte do corpo, da experiência de um corpo marcado pelas imposições da *feminilidade*, da *heterossexualidade*. A atenção dada aqui às mudanças de nome e em consequência os processos subjetivos que envolvem o *gênero*, tem como ponto de partida o corpo. Neste momento, atendo-me ao fato de que a mesma constrói seu ser aliada às mudanças de nome. A autora possui “fases” constando três assinaturas diferentes: Mariana Pessah, marian pessah e mariam pessah, respectivamente. Conforme o levantamento que realizei

de suas publicações, do ano de 2005 a 2008, a mesma assinava como Mariana Pessah - constando dessa época, sua primeira publicação autoral o livro *Malena y el Mar* (2005). Do ano de 2009 a 2016, a autora esboça já, a assinatura sem o “a”: marian pessah, deste recorte de tempo consta a publicação do livro “amor, placer, rabia y revolución” (2012), que possui a crônica chamada “El lugar de la ‘a’”, onde a mesma explica a retirada da “a” de seu nome como uma forma de rejeição ao feminino imposto.

No ano de 2016 e até o ano 2023 - a autora assina suas publicações, como mariam pessah, com um “m” ao invés de um “n”. Ela é a criadora da criatura. Em mariam a nomeação representa uma ruptura, ao mesmo tempo que um diálogo com o contexto social em cada escolha. Por sua vez, a trajetória de mariam também é marcada por movimentos diversos que criam um caminho singular, individual e autônomo: o trânsito entre ofícios envolvendo a fotografia, a escrita política em crônicas, a escrita literária com a publicação de seu primeiro livro de romance *Malena y el Mar* (2005) e posteriores livros publicados. Outros movimentos que representam ruptura mas também abertura de novos empreendimentos foi a expulsão dos grupos LBL e Nuances e a criação da *grupa* Mulheres Rebeldes e a ampliação do *Artivismo* para a América Latina e Caribe, marcada pela organização do EFALAC, entre outras atividades, protestos e seminários. Outra “ruptura” frutífera pode ser compreendida no banimento da *bloga* “Em Rebeldia” e a posterior decisão de publicar todo o material da *Bloga* no livro “Da Bloga ao Livro”. Por fim, a decisão de desvencilhar-se do protagonismo do ativismo lésbico-feministas. Todos esses marcos, frutos de uma vida em constante movimento e auto reflexão, estão localizados num marco temporal e social onde “o indivíduo vive de ideias sociais” (DUMONT, Pg. 58, 1966).

Em mariam, a noção de pessoa se relaciona a produção do nome, mas, o nome recebido socialmente, é transmutado individualmente. A mesma resgata o nome dado a ela por seus antepassados e o transmuta em outra lógica, em uma perspectiva também construída socialmente, mas em outro sentido. No sentido político onde a quebra com a lógica patriarcal de nomeações, assim como o abandono do *gênero* que lhe foi designado, o *gênero* feminino, é transmutado aliada a uma reflexão social - lésbico-feminista - para dessa forma, recriar sua pessoa, em seus próprios termos. As duas crônicas “¿Qué es ser lesbiana?” e “El lugar de la ‘a’” forneceram as categorias nativas para compreender essa mudança. Ao se desvencilhar do *gênero* feminino e entender-se como “*lésbica*” - como categoria política - a autora constrói sua pessoa alinhada também, a um contexto social e político maior, onde o lesbianismo se constitui

como um movimento social, mas também um contexto onde se articulam vivências, representações e discursos de um indivíduo próprio.

É possível também pensar que a noção de pessoa esboçada por mariam se constitui numa dupla relacionalidade. A primeira é a negação do *gênero* feminino atribuída a ela por meio da rejeição da naturalização de práticas e comportamentos associados a essa categoria, como a *feminilidade*. A segunda relação, é a tensão que envolve a existência *lésbica*: por um lado, a rejeição da *heterossexualidade compulsória* e com essa postura pertencer a uma dissidência sexual que socialmente é portadora de estigmas. Esta postura envolve a recriação de uma identidade desestigmatizada e o resgate de referenciais possíveis de identificação e celebração. Esses movimentos podem ser observados em atividades como Saraus, num deles, pude realizar uma Observação Participante.

Num determinado momento da pesquisa realizei uma observação participante e conheci presencialmente a autora -, a *Grupa* chamada Sapas, a qual era integrante no momento - teve como convidada a autora, e desenvolveu um Sarau Lésbico. A *Grupa* que organizou o sarau, compartilhava de repertórios comuns com a convidada. Entre eles, o vocabulário êmico, com a utilização de termos como *heteronormatividade compulsória*, *feminilidade imposta*, *coletiva*, *grupa*, entre outros, o vocabulário êmico se constituiu neste estudo como as categorias nativas utilizadas pelo grupo e seu repertório aponta para uma visão de mundo compartilhada. Outros repertórios comuns, eram as leituras de textos norteadores em grupos de leitura como "Não se nasce Mulher" da teórica francesa Monique Wittig e "Heterossexualidade compulsória e existência lésbica" da escritora e ativista lésbico-feminista Adrienne Rich. Esse Sarau, organizado com o intuito de ser um espaço possível de leituras de lésbicas, para lésbicas, retomava elementos do movimento lésbico em símbolos significantes - Labrys, Triângulo Preto Invertido, A Cor Roxa - que são referenciais através dos quais as mesmas ordenam a construção de seus padrões culturais (GEERTZ, 1989), em meu Diário de Campo, descrevi o sentido de cada um:

“O Labrys é um machado de dupla lâmina que é associado a divindades femininas na mitologia greco-romana, entre elas estão Gaia, Réa e Ártemis a qual o usava como cetro - bastão usado por autoridades reais - e envolvia em seus rituais práticas lésbicas. (...)

O triângulo invertido preto historicamente foi utilizado nos campos de concentração nazistas para marcar aquelas mulheres que eram lésbicas, feministas ou subversivas. A utilização do triângulo na bandeira tem a função de respeitar e honrar a memória das mulheres que morreram.

(...) a cor roxa, é utilizada após integrantes lésbicas da “National Organization for Women” ou “Organização Nacional de Mulheres” que é uma entidade feminista estadunidense ainda ativa fundada em 1966, serem chamadas de Ameaça Lavanda pela feminista Betty Friedan - uma das fundadoras - em um discurso, pois afirmava que as mesmas sujavam a imagem da organização insinuando que outras demandas eram mais importantes que as demandas das lésbicas feministas.”

(Diário de Campo, Acervo Pessoal de Viviana Zorzi. Sapa Sarau - Setembro de 2022)

Por sua vez, há um terceiro elemento que norteia a construção da pessoa aqui tratada: a trajetória cultural e linguística vivenciada pela autora, entre países. A autora nasceu na Argentina e veio morar no Brasil no ano de 2001, desde esse ano, residindo na cidade de Porto Alegre. No Sapa Sarau conforme trecho a seguir, do Diário de Campo obtive por meio de uma limitação de minha parte, um dado importante para o trabalho:

“Apresentei-me como poeta e pesquisadora, agradei a presença de mariam, abordando a importância que a mesma tem como referência lésbica-feminista para a *grupa* e a apresentei. Em minha fala, ressalti que a escritora convidada era Argentina, poeta e que também organizava em Porto Alegre o Sarau das Minas e passei a palavra para ela. No momento em que mariam tomou a palavra, uma das primeiras colocações que fez foi a de demarcar que hoje em dia já não se compreendia como

Argentina e que sua escrita em grande parte vinha em português.”

(Diário de Campo, Acervo Pessoal de Viviana Zorzi. Sapa Sarau - Setembro de 2022)

Este dado foi de suma importância para a compreensão de sua pessoa. É válido destacar que em sociedades multiétnicas as utilizações das identidades são variadas e que as mesmas dependem do interesse que se quer explorar. (Manuela Carneiro da Cunha, 1987). Por outro lado, tê-la categorizado como “argentina” me permitiu compreender que a mesma não compreende sua identidade associada a um país e sim, a uma continuidade com as experiências associadas à vida e às linguagens, dessa forma, em sua trajetória *fronteiriça* (Gloria Anzaldúa, 1987) - aquela identidade que ocorre nas zonas fronteiriças, geográficas ou culturais e abrangem diferentes grupos étnicos, linguagens e culturas - sua escrita, apesar de no primeiro livro - *Malena y el Mar* - ter sido escrita em espanhol, na atualidade, a mesma escreve em português. A dimensão da escrita nessa concepção de pessoa é fundamental, pois tanto a autora como a escrita por ela produzidas estão interligadas: é por meio da escrita que sua *visão de mundo* é expressada e a situa em espaços coletivos onde essa expressão ganha vida em ethos específicos. Dessa forma, a mesma ao escrever no poema “tenho uma língua e s t r a g e i r a” no livro *Grito de Mar* (2019) que a mesma não possui uma língua estrangeira e sim, passageira, a desvincula de nações e fronteiras e permite também, transitar entre línguas.

Considerações Finais

Neste relato, procurei dar visibilidade a trajetória de uma escritora chamada mariam pessah e por meio desta, realizar alguns apontamentos com relação à noção de pessoa por ela elaborada. Foi possível compreender por meio da pesquisa em ambientes online, a importância de ter atenção com relação aos objetos apresentados pelos interlocutores, foi de suma importância percorrer os universos simbólicos presentes tanto nos ambientes online - procurando por rastros e pistas de compreensões - assim como o acesso do livro - *Amor, Placer, Rabia y Revolución* - para dessa forma observar quais são as categorias nativas e termos utilizados. Por outro lado, pode-se observar uma ampla variedade de palavras que em Antropologia chamamos de Vocabulário Êmico - vocabulário específico utilizado pelos grupos - que também mostraram

caminhos de compreensão. Dessa forma, em maior parte, pode-se perceber uma generificação das palavras para o feminino, a exemplo de *Grupa* ao invés de Grupo ou ainda *Bloga*, ao invés de Blog - essas palavras apontam para a politização da linguagem e a politização da produção de saberes localizados, tal qual escreve (HARAWAY, 2009).

A partir da compreensão de que na sociedade ocidental moderna o indivíduo é compreendido como uma entidade autônoma, independente e autocontida que possui seus próprios interesses (DUMONT, 1966), foi possível observar que mariam pessah, tanto em suas escritas como na composição dos espaços em que propõe e participa - como os saraus - a mesma se desenvolve de forma autônoma com relação àquilo que defende para sua existência: a liberdade de existir, mesmo que, em uma sociedade que impõe diversas normas: seja a *heterossexualidade* ou a *feminilidade* compulsória. Por outro lado, a mesma, constrói a si mesma, a partir da sua produção de pensamentos aliada a uma crítica lésbicos-feminista, destacando que "o indivíduo vive de ideias sociais" (DUMONT, 1966. Pg. 58).

A produção e construção da pessoa em mariam pessah - nos limites deste trabalho - se coloca no processo de construção de seu ser aliada às mudanças de nome, e a partir deste nome, é possível observar sua constante mudança: de Mariana Pessah para marian pessah, e depois mariam pessah, o nome utilizado na atualidade. mariam transmuta seu nome, rasurando o *gênero* atribuído a ela em seu nascimento - o feminino - e com o *gênero*, as imposições que se voltam para seu corpo, como citado na crônica "El lugar de la 'a'" a obrigação da depilação, a qual a mesma entende como uma opressão associada ao *gênero* feminino. ao mudar seu nome e escrever sobre isso, observo que as mudanças que realiza são conscientes, registradas e auto-reflexivas, evidencia-se a importância desse dado, pois como escreveu (Emilene Leite de Sousa, Pg. 72, 2014) "É o nome que designa a pessoa, afinal, evocar o nome é evocar a pessoa." Dessa forma, pude compreender que a noção de pessoa aqui elaborada é construída a partir do abandono de categorias normativas (categorias herdadas) e a reconstrução de uma individualidade a partir do abandono das mesmas, recriando, por meio da escrita, novos referenciais de identificação de si. Por sua vez, também sua trajetória mostrou-me caminhos de mudança de ofícios: a mesma trabalhou com fotografia profissional, foi ativista lésbicas-feminista e na atualidade, se dedica a escrita, compreendendo-se como *Artivista*.

A crônica "Qué es ser lesbiana" trouxe ferramentas para compreender outra face dessa elaboração de noção de pessoa. Ao retirar o "a" de seu nome, e ficar sem *gênero*

designado, soma-se outra afirmativa: a *lésbica* não é uma mulher. mariam, ativista-lésbica feminista, nessa escrita confronta a ideia de que ser *lésbica* é ser uma mulher que ama outra mulher. Para mariam, ser *lésbica* é uma categoria política que aparte dos arranjos heterossexuais, pois - nesta perspectiva - ser mulher é vivenciar uma relação heterossexual de dominação frente ao homem. Esta crônica e à posterior leitura sobre o movimento lésbico assim como “Não se Nasce Mulher” trouxeram-me referenciais para compreender outro aspecto mobilizado por mariam na construção de sua pessoa: a lesbianidade como categoria que a conecta com outras lésbicas, a partir dos referenciais mobilizados por essa vivência compartilhada. A vivência compartilhada - a lesbianidade - foi o que me permitiu conhecê-la pessoalmente em um Sapa Sarau - sarau lésbicas organizado pela *Grupa Sapas*. Nesse Sarau, descrevi os símbolos significantes através dos quais A *Grupa* compreendia-se e que também são símbolos compartilhados pela autora, em suas escritas.

Por fim, outro fator importante para localizar a concepção de pessoa elaborada por mariam, se localiza na sua trajetória híbrida cultural e os novos arranjos os quais a quebra de fronteiras entre nações e linguagens possibilitam. Ao conhecer mariam pessoalmente no Sapa Sarau, a apresentei como “Argentina” e a partir disso, a mesma corrigiu-me, e disse-me que atualmente não se entende como Argentina, e que sua escrita acontece em português. Pude compreender que a mesma se desenvolve nas margens das concepções tradicionais: linguísticas, de *gênero*, de nação. A partir desses dados, mostrou-me mais uma observação determinante: esta noção de pessoa se desenvolve intimamente na continuidade com as experiências associadas à vida e às linguagens e também, que a escrita como uma ferramenta de expressão é fundamental pois aqui: escrita, nome, autora e identidade se fundem, construindo a cada momento, uma nova mariam a desenvolver-se.

Glossário

Artivismo - Palavra que combina Arte e Ativismo - Ações que se valem da arte para reivindicações políticas e sociais.

Bloga - Palavra modificada de Blogger para Bloga - o “A” possui intrínseco um posicionamento político feminista.

Bissexual - Orientação sexual que designa pessoas que se relacionam tanto com pessoas do gênero feminino como do masculino.

Colección Libertária (Coleção Libertária) - Editora independente, autônoma e feminista criada por mariam pessah e Clarisse Castilhos.

Coletiva - Palavra modificada de Coletivo para Coletiva que possui o “A” como um posicionamento político feminista.

Caminhoneira - Termo que designa Lésbicas que não performam feminilidade.

Cisgeneridade - correspondência entre gênero dado no nascimento baseado no sexo biológico atrelada a classificação binária homens/mulheres.

Fronteira - identidade que ocorre nas zonas fronteiriças, geográficas ou culturais. Abrangem diferentes grupos étnicos, linguagens e culturas.

Feminilidade - Conjunto de atitudes e comportamentos considerados "femininos" em um determinado contexto social. Pode ser associado ao tipo de vestimentas até a formas associadas a docilidade e passividade.

Grupa - Palavra modificada que possui o “A” como um posicionamento político feminista.

Gênero - Construção social que varia em diversas sociedades e se refere às características atribuídas a homens e mulheres a partir do corpo biológico. Como categoria de análise, permite compreender os diferentes arranjos e configurações criadas sobre o sexo e gênero em diferentes sociedades.

Heterossexualidade - atração afetiva e/ou sexual por pessoas do gênero ou sexo oposto baseada na classificação binária homens/mulheres.

Heterossexualidade Compulsória - instituição política, onde a heterossexualidade é a única orientação sexual aceitável.

Homossexual - Orientação sexual que designa pessoas que se relacionam com pessoas do seu mesmo sexo.

Identidade de Gênero - Gênero ao qual alguém se identifica.

Lésbikas - A autora utiliza a letra "K" em substituição ao "c" de forma a desestruturar a norma instituída e demonstrar que não há ideias e conceitos naturais, e sim, culturais. Dessa forma, apoderar-se da escrita das palavras é uma forma de poder frente às normas instituídas.

Lésbica - Termo político que se refere a mulheres que se relacionam exclusivamente com outras mulheres.

Labrys - Símbolo de Machado de Dupla Lâmina associada a divindades femininas da mitologia greco-romana. Atualmente utilizado como símbolo de resistência por movimentos lésbicos.

Sapatão - categoria que se refere a existências lésbicas (mulheres que se relacionam com mulheres) -.

Referências Bibliográficas

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. 1. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

CAIAFA, Janice. *Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

COELHO, Maria Claudia. *Sobre tropas e cornetas: apresentação à edição brasileira de Writting Culture*. IN: CLIFFORD & MARCUS, G. *A escrita da cultura: Poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2016.

DA CUNHA, Manuela Carneiro. *Antropologia do Brasil. Mito, história, etnicidade*. 2 ed. São Paulo: editora brasiliense, 1987.

DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus*. São Paulo: Edusp, 1997.

E. Marcus, G., (2001). *Etnografia en/del sistema mundo.El surgimiento de la etnografia multilocal*. *Alteridades*, 11(22), 111-127

FRÓES, Anelise. *Mulheres em movimento (s): Estudo etnográfico sobre a inserção de feministas e lésbicas em movimentos sociais institucionalizados e autônomos na cidade de Porto Alegre/RS*. 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HARAWAY, D. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. *Cadernos Pagu*, [S. l.], n. 5, p. 7–41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 8 nov. 2023.

Herschmann, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena / Micael Herschmann*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

HOLANDA, I. de O. *A literatura lésbica entre o virtual e o impresso*. **Arquivos do CMD**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 109–130, 2016. DOI: 10.26512/cmd.v3i2.8893. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/8893>. Acesso em: 1 dez. 2023.

LEITÃO, Débora K; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Revista Antropolítica*, n. 42, 1 sem. 2017, p. 41-65.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

M. (Org.). *Etnografia, O Espírito da Antropologia*. Tecendo linhagens, homenagem a Claudia Fonseca. 1ed. Santa Cruz do Sul: ABA Publicações; EDUNISC, 2017, v. 1, p. 394-400.

pessah, marian. *amor, placer, rabia y revolución: poemas, crónicas y otros escritos*. Porto Alegre, 2012. colección libertaria.

pessah, marian. *Em rebeldia – da bloga ao livro*. Colección Libertaria. Ed. Independente. Porto Alegre, 2009.

pessah, Mariana. *Malena y el mar*. Buenos Aires: Edición Libertaria, 2007.

pessah, mariam. *Grito de mar*. Porto Alegre; Taverna, 2019.

RICHTER, V. S.. Uma lição de imaginação antropológica. In: BRITES, J.; MOTTA, F.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [S. l.], v. 4, n. 05, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 8 nov. 2023.

SOUSA, Emilene Leite. Nomear é trazer à existência: A onomástica (de crianças e de bichos) e os apelidos na produção da pessoa Capuxu. *Campos - Revista de Antropologia*, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 71-97, dez. 2014. ISSN 2317-6830. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/40373>>. Acesso em: 16 out. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/campos.v15i2.40373>.